



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 03/04/2026 e 09/04/2026

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (PPGDR/FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
03/04/2026	FERIADO	FERIADO	FERIADO	FERIADO	FERIADO
06/04/2026	11,66	316,60	69,95	5,95	4,54
07/04/2026	11,58	311,80	69,72	5,98	4,49
08/04/2026	11,62	314,10	67,42	5,80	4,47
09/04/2026	11,65	317,60	67,70	5,74	4,44
Média	11,63	315,02	68,70	5,87	4,48

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	118,00	
RS – Não Me Toque	118,00	
PR – Pato Branco	115,00	
PR – M.C.Rondon	112,00	
MT – C.N.Parecis	101,00	
MS – Maracaju	110,00	
GO - Rio Verde	109,00	
BA – L.E.Magalhães	109,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	68,00	CIF
Porto de Paranaguá	67,00	CIF
Porto de Rio Grande	SC	
RS – Não-Me-Toque	57,00	
SC – Rio do Sul	59,00	
PR – M.C.Rondon	54,00	
PR – Pato Branco	59,00	
MT – C.N.Parecis	50,00	
MS – Maracaju	60,00	
SP – Itapetininga	68,00	
SP – Campinas	71,00	CIF
GO – Rio Verde	57,00	
GO – Jataí	57,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	61,00	
RS – Não Me Toque	60,00	
PR – Pato Branco	66,00	
PR – M.C.Rondon	66,00	

Período: 08/04/2026

SC=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 09/04/2026**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	57,80	120,86	59,06

ND = Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
09/04/2026**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	60,21
Feijão (saco 60 Kg)	147,50
Sorgo (saco 60 Kg)	52,00***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	6,48
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,09**
Boi gordo (Kg vivo)*	11,54

(*) compreende preços para pagamento em 60 e 20 dias

(**) Referência Fevereiro/26, cf. Cepea/Esalq

(***) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

MERCADO DA SOJA

Sob influência da guerra no Oriente Médio e na expectativa de novo relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado em 09/04, o mercado da soja, em Chicago, se comportou bastante estável nesta semana. O fechamento desta quinta-feira (09), para o primeiro mês cotado, ficou em US\$ 11,65/bushel, contra US\$ 11,63 uma semana antes. O anúncio de uma trégua de duas semanas na guerra, feito durante a semana, mesmo que sem garantias concretas, derrubou a cotação do óleo de soja em Chicago, com a mesma perdendo 3,3% entre os dias 07 e 08 de abril, após ter flertado com os 70 centavos de dólar por libra-peso no dia 07.

Dito isso, o relatório de abril não trouxe grandes novidades, indicando os mesmos volumes de produção e estoques finais, para os EUA, anunciados em março. O mesmo praticamente ocorreu em relação à produção e estoques finais mundiais. A produção do Brasil e da Argentina foi mantida em 180 e 48 milhões de toneladas, enquanto as importações chinesas continuaram em 112 milhões de toneladas para 2025/26. Vale destacar que o mais importante relatório é o de maio, o qual trará a primeira estimativa de produção nos EUA e mundo para o ano comercial 2026/27.

Por sua vez, o novo plantio da soja nos EUA chegou a 3% da área esperada até o dia 05/04, ficando acima da média de 2% para a data. Ao mesmo tempo, na semana encerrada em 02/04 os EUA embarcaram 779.352 toneladas de soja, superando as expectativas do mercado. Com isso, o total já exportado no atual ano comercial chega a 30,7 milhões de toneladas, ou seja, 26% abaixo do exportado no mesmo período do ano anterior.

E no Brasil, diante de um câmbio que trouxe o Real para R\$ 5,15 por dólar em momentos da semana, os preços voltaram a recuar. As principais praças gaúchas praticaram R\$ 118,00/saco, enquanto no restante do país os preços oscilaram entre R\$ 101,00 e R\$ 115,00/saco.

A colheita da soja brasileira havia chegado a 80% da área no início da presente semana, contra 80,5% na média dos últimos cinco anos. A expectativa é de uma colheita um pouco acima de 176 milhões de toneladas (cf. Pátria AgroNegócios). Lembrando que existem analistas privados ainda esperando um volume acima de 180 milhões de toneladas, enquanto a Conab avança um total de 177,8 milhões de toneladas.

Já no Mato Grosso, a produção poderá ser um recorde de 51,6 milhões de toneladas, superando as dificuldades climáticas locais. Para tanto, a produtividade média seria de 66 sacos/hectare (cf. Imea e AprosojaMT).

MERCADO DO MILHO

A cotação do milho, em Chicago, igualmente perdeu um pouco de fôlego nesta semana, com o bushel, para o primeiro mês cotado, fechando a quinta-feira (09) em US\$ 4,44, contra US\$ 4,52 uma semana antes.

O relatório de oferta e demanda, anunciado no dia 09/04, apontou manteve os números de março para a produção e estoques finais dos EUA, enquanto alterou um pouco para cima a produção mundial, com a mesma atingindo, agora, 1,301 bilhão de toneladas do cereal, enquanto os estoques finais mundiais ficariam em 294,8 milhões de toneladas. A produção da Argentina seria de 52 milhões de toneladas (bem abaixo do que as estimativas da Bolsa de Rosário) e a produção do Brasil em 132 milhões para 2025/26 (no ano anterior o Brasil colheu 136 milhões de toneladas).

Por outro lado, os embarques de milho estadunidense, na semana encerrada em 02/04, chegaram a 2 milhões de toneladas, também superando o esperado pelo mercado. Com isso, o total já exportado, no atual ano comercial, chega a 48,5 milhões de toneladas, sendo 36% acima do ano anterior.

Enquanto isso, a colheita de milho na Argentina, nesta safra 2025/26, deverá atingir a 67 milhões de toneladas, sendo um recorde histórico (cf. Bolsa de Cereais de Rosário).

E no Brasil, os preços do cereal melhoraram um pouco, com as principais praças gaúchas trabalhando com R\$ 57,00/saco, enquanto no restante do país os preços oscilaram entre R\$ 50,00 e R\$ 68,00/saco.

De forma geral, o milho continua com preços interessantes ao consumidor nacional, pois está ainda barato. A preocupação é com os meses futuros, já que se espera uma safra menor no total, especialmente a safrinha, devido a redução de área semeada e questões climáticas. Isso deverá elevar os preços no segundo semestre. Além disso, ainda haverá a pressão das exportações (cf. Brandalize Consulting).

Neste momento, cerca de 18% da safrinha 2025/26 já teria sido comercializada, para uma produção estimada em 100,6 milhões de toneladas, sendo que o Paraná teria vendido 10,8% de sua produção esperada; outros 4,3% o foram em São Paulo, 19,8% em Mato Grosso do Sul, 10,5% em Goiás/Distrito Federal, 3,3% em Minas Gerais e 24,4% em Mato Grosso. No Matopiba, a comercialização da safrinha 2026 atingia 15,8% da produção esperada, com 14,9% na Bahia, 20,2% no Maranhão, 6,7% no Piauí e 14,6% no Tocantins (cf. Safras & Mercado). O plantio da mesma está praticamente encerrado no Brasil.

Por outro lado, segundo a Conab, a colheita da safra de verão chegava a 51,3% da área total, ficando em linha com a média histórica para este início de abril. Quanto à segunda safra, a preocupação é com o Paraná, que continua com importantes problemas climáticos que estão levando a uma quebra de safra.

E no Mato Grosso, o Imea (Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária) indica que a demanda de milho no estado deverá crescer 1,5%. A safrinha local teve 1,17 milhão de hectares semeados fora da janela ideal de plantio. Mesmo assim, se espera uma produção final local de 51,7 milhões de toneladas, sobre uma área de 7,39 milhões de hectares e produtividade média esperada de 116,6 sacos/hectare.

Por sua vez, a Secex indicou que o Brasil exportou, em março, 983.029 toneladas do cereal, superando em 12,8% o volume exportado em março do ano passado. O preço pago por tonelada caiu 4,1% ficando em US\$ 230,40 em março de 2026 contra os US\$ 240,30 de março de 2025.

Enfim, um estudo inédito trouxe informações assustadoras. As conclusões do mesmo foram publicadas na revista internacional Crop Protection e indicam que a cigarrinha-do-milho, entre 2020 e 2024, provocou uma perda média de 22,7% da safra brasileira de milho anual. Isso gerou um prejuízo de US\$ 6,5 bilhões anuais. Na soma dos quatro anos as perdas chegam a US\$ 25,8 bilhões, na medida em que cerca de 2 bilhões de sacos de milho deixaram de ser produzidos. O estudo foi conduzido pela Embrapa Cerrados (DF), Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri) e Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). “Atualmente, os dois tipos de enfezamentos – o pálido e o vermelho – são a maior ameaça fitossanitária à produção brasileira do grão. As duas doenças são causadas pela cigarrinha-do-milho, que também transmite os vírus do mosaico-estriado e da risca do milho.” Lembrando que o impacto negativo da cigarrinha “ultrapassa a porteira da fazenda, já que o milho é base para a produção de proteína animal (aves, suínos e leite) e biocombustíveis, e as quebras de safra elevam os preços para o consumidor e afetam a balança comercial brasileira”.

MERCADO DO TRIGO

Com o anúncio da trégua na guerra entre EUA/Israel e Irã, a cotação do trigo, em Chicago, recuou fortemente, com o fechamento do dia 09/04 (quinta-feira) ficando em US\$ 5,74/bushel, contra US\$ 5,98 uma semana antes.

O relatório de oferta e demanda do USDA, deste dia 09/04, pouco trouxe de novidades a este mercado. O mesmo também praticamente manteve a produção e os estoques finais dos EUA, enquanto elevou para 844,2 milhões de toneladas a produção mundial. Já os estoques finais mundiais subiram para 283,1 milhões de toneladas, ganhando pouco mais de 6 milhões de toneladas sobre março. A produção da Argentina seria de 27,9 milhões de toneladas e a brasileira foi reduzida para 7,87 milhões.

Enquanto isso, os embarques de trigo por parte dos EUA chegaram a 334.106 toneladas na semana encerrada em 02/04, ficando pouco acima do nível mínimo esperado pelo mercado. Assim, o total já embarcado no atual ano comercial chega a 20,7 milhões de toneladas ou 17% a mais do que no mesmo período do ano anterior.

Houve pressão vendedora no mercado internacional, a partir do anúncio da trégua, mesmo que instável, pois ainda existe uma oferta mundial importante. Além disso, assim como junto às outras commodities, o comportamento dos fundos continua influenciando diretamente os negócios em Bolsa, com as liquidações especulativas de posição auxiliando para o recuo mais acentuado dos preços quando os períodos de conflito ou crise diminuem.

Mesmo assim, o mercado nacional “ainda não apresenta fundamentos suficientes para sustentar um movimento consistente de alta” (cf. Safras & Mercado). Isso continua a exigir cautela por parte dos agentes nacionais, especialmente os produtores. Afinal, por aqui, “o ritmo de negócios segue lento, com moinhos relativamente abastecidos no curto prazo e produtores mais retraídos, acompanhando a queda externa e o comportamento do câmbio antes de tomar decisões. Esse ambiente mantém a liquidez limitada e reforça a necessidade de atenção redobrada por parte do produtor”.

Entretanto, o movimento de recuperação de preços no país continua. As principais praças gaúchas trabalharam com valores entre R\$ 60,00 e R\$ 61,00/saco, enquanto no Paraná as mesmas se mantiveram em R\$ 66,00. No mercado de pronta entrega paranaense o preço médio ultrapassou R\$ 1.280/tonelada no fim de março, retornando a patamares observados em meados de setembro de 2025.

Parte desta recuperação também se deve às exportações brasileiras de trigo. Além disso, o preço do trigo argentino subiu 7% em março, encarecendo a importação. Quanto às exportações nacionais, as programações de embarque chegam a 2 milhões de toneladas no período de agosto/25 a março/26. Desse volume, 97% saíram do Rio Grande do Sul. Dentre os destinos do trigo brasileiro, tem-se: Bangladesh, que lidera com 418.300 toneladas (21,1%), seguido pelo Vietnã, com 405.600 toneladas (20,5%). Na terceira posição aparecem as 250.800 toneladas destinadas ao Nordeste via cabotagem (transporte marítimo entre estados), com 12,6%. Já pelo lado das importações a programação nos portos brasileiros aponta para um volume de 3,72 milhões de toneladas entre agosto/25 e abril/26. O Ceará lidera as compras com 826.607 toneladas (22,2%). Em seguida aparece São Paulo, com 731.876 toneladas (19,7%). Na sequência, destacam-se Bahia, com 509.050 toneladas (13,7%), e Pernambuco, com 463.776 toneladas (12,5%), reforçando a relevância do eixo Nordeste nas operações de importação (cf. Safras & Mercado).